



Vandelicia encontrou no voluntariado uma nova razão para doar seu tempo

existência. Ela, de alguma forma, sempre nutriu o desejo de ajudar, mas a rotina de trabalho adiou o sonho até a aposentadoria. Há 12 anos, juntou-se ao voluntariado, dedicando a última década ao SAV (Serviço Auxiliar de Voluntários) no Hospital de Base de Brasília.

Sua rotina é intensa: oito desses anos foram focados na internação da psiquiatria, onde desenvolve hortas terapêuticas, oficinas de argila e atividades lúdicas. O trabalho do grupo é essencial para pacientes de baixa renda, financiando desde cadeiras de rodas até transporte. “É uma troca de ensinamentos e de vida. Doo meu tempo e ganho carinho”, conta Vandelicia.

Para ela, o ativismo voluntário feminino é movido por uma disposição intrínseca de acalantar. “Nós

trazemos no nosso interior essa preocupação em cuidar. Quando percebemos que podemos contribuir, nos doamos por completo.” Com um sorriso estampado no rosto, exhibe com carinho a blusa do coletivo que transforma vidas e abraça pessoas. “É sempre muito gratificante. Existe muita gente passando por momentos difíceis”, finaliza.

Embora as trajetórias sejam distintas, as águas correm para o mesmo rio: o isolamento é o maior inimigo da saúde mental feminina. “Ninguém sustenta essa luta sozinha”, conclui Paulo Henrique, lembrando que, para transformar a realidade, é preciso, primeiro, garantir a própria sobrevivência e o direito ao descanso. Agora, elas estão na linha de frente, lidando com ódio e sobrevivendo para fazer com que outras vivam.

O encontro de gerações

O movimento feminista atravessa um momento de intensa reconfiguração, marcado pelo diálogo — por vezes tenso, mas produtivo — entre as veteranas e a geração Z. Para Janaína Penalva, professora associada da Faculdade de Direito da UnB, esse encontro de gerações, embora seja desafiador, vive uma fase de expansão e esperança. Segundo a especialista, a democratização da comunicação sobre os direitos das mulheres ampliou os espaços de resistência, mitigando crises geracionais que já foram mais acentuadas no passado.

As divergências entre as faixas etárias, no entanto, permanecem presentes e se concentram, sobretudo, na forma de atuação. “Enquanto as mais jovens dão um valor central à articulação política nas redes sociais, as gerações anteriores tendem a priorizar formas de trabalho mais coletivas e mantêm a luta de classes como um ponto de tensão e debate. Apesar dessas nuances, existe um consenso inegociável: a opressão patriarcal e a falsa neutralidade de gênero são problemas estruturais que devem ser combatidos em todas as esferas da relevância pública.”

Um dos maiores obstáculos apontados por Penalva mora na desigualdade material para a viabilização de projetos sociais. Diferente dos homens, as mulheres enfrentam uma escassez de capitais essenciais para a captação de recursos de seus projetos: tempo, capital intelectual e relações políticas. “As mulheres são mais pobres, têm menos tempo e menos inserção na esfera pública”, detalha a professora.

Essa falta de acesso à informação e a redes de influência restringem drasticamente as chances de uma mulher iniciar o processo de financiamento para suas causas em comparação aos líderes masculinos, perpetuando um ciclo de invisibilidade institucional. Dessa forma, os dilemas que permeiam essa luta pela causa fica ainda mais delicada, mostrando que assumir um papel de liderança, sendo mulher, não é uma tarefa nada fácil.